Definição de Currículo

Fernando Augusto Machado e outros, Currículo E Desenvolvimento Curricular, ASA, Porto, 1991

Estava-se em meados dos anos 20. Pouco tempo tinha decorrido sobre a data que geralmente se considera ser o nascimento do currículo como um campo autónomo no domínio da educação, 1918, ano do aparecimento em

público da obra de F Bobbitt The Curriculum. Um grupo de personalidades tidas como as mais eminentes da época nas questões curriculares -Bagley o próprio Bobbin, Bonser, Charters, Counts, Courtis, Horn, Judd, F Kelly,

Kilpatrick, H. Rugg e Works-sentiu a necessidade de chegar a uma plataforma de consenso sobre questões do currículo, no sentido de possibilitar um maior entendimento mútuo e alguns avanços na sua teorização. O texto Os fundamentos para a realização do currículo foi a declaração conjunta a tentava responder, entre outras coisas, aos problemas da definição, da delimitação do campo e da aferição da linguagem do currículo (Rugg, 1927).

Embora se tenha avançado bastante nesta área do saber, estas questões permanecem problemáticas. Goodlad (1979, p. 45) faz um paralelo entre a falta de unidade das teorias do currículo e a discrepância existente,nas definições deste a lamenta que a falta de clareza a definição do seu campo não permita ainda que o currículo constitua uma esfera completamente distinta de conhecimento. Tanner e Tanner (1980, p. 4) referem, por sua vez, que às grandes transformações que o conceito de currículo tem sofrido, neste século, não correspondeu uma definição consensual apropriada.

Paralelamente, é interessante notar que o primeiro não faz depender do problema da definição a dinâmica da sua prática. Diz ele: "Entretanto, a prática do currículo tem continuado tom toda a sua diversidade. E tem continuado há longo tempo - desde que Deus proporcionou uma macieira e advertiu Adâo a Eva contra os seus frutos..."(id.,p. 45). Tanner a Tanner vão mais longe: "Dependerá o progresso no campo do currículo da questão do acordo sobre a definição, como alguns teóricos do currículo afirmam? (...)

A busca de uma definição de currículo universalmente aceite aparece como infrutífera. O claro e espectacular progresso conceptual e operacional da ciência não tem sido impedido pela falta de acordo sobre a definição da ciência.

O progresso conceptual tem, não só, mudado o significado da ciência, mas tem também tornado irrelevante para tal progresso uma definição fixa" (id., pp. 40-41).

Seja como for, uma grande parte dos especialistas que escrevem sobre currículo sente necessidade de abordar o problema da sua definição, delimitar o seu campo, estabelecer alguns critérios. Trata-se da busca de unidade e coerência de pensamento, já que a variedade e as diferenças de perspectivação a vários níveis do currículo, não advêm apenas das opções que se tomam em relação aos seus fundamentos, mas também da estruturação que decorre da definição do seu objecto e da delimitação do seu campo.

São inúmeras e muito variadas as definições que se encontram de currículo. A mais antiga, que identifica currículo com plano de estudos, curso de matérias de estudo, têm sido frequentes e amplamente criticadas, mas permanece e continua a ser a mais comum. Desde cedo, contudo, o campo do seu objecto começou a ser modificado e alargado. Bobbitt (1922) ultrapassou já o conceito de currículo como simples organização de conhecimentos. Entretanto, Caswell e Campbell (1935) ficaram na história do currículo ao fazerem incluir no seu objecto todas as experiência dos alunos realizadas sob orientação do professor.

Em 1950, o primeiro, Caswell, vai muito mais além e coloca sob o seu âmbito tudo o que acontece na vida da criança, na de seus pais e na de seus professores. Andersen (1956) incluiu também no conceito de currículo, além das experiências da sala de aula, as actividades extraclasse.

Esta visão alargada de currículo como conjunto de experiências de aprendizagem obteve uma adesão bastante generalizada. O esquema conceptual de desenvolvimento curricular defendido por Tyler, e que teve grande êxito na história desta disciplina, torna claro que as experiências educativas organizadas pela escola estão ao serviço dos objectivos que a mesma pretende alcançar.

Anote-se, portanto, que este autor não identifica currículo exclusivamente com conteúdo, mas antes com as experiências escolarmente planeadas e dirigidas de modo a atingir os objectivos pretendidos.

Esta definição, porém, não seduziu todos os curriculistas. A par dos que adoptam definições mais latas, como vimos, outros optam por definições mais restritas.

-Além disso, uma outra perspectiva ocasiona visões e definições diferentes. Tomemos, por exemplo, a posição de M. Johnson. Este autor mostra a necessidade e as vantagens de uma separação conceptual rigorosa entre currículo e ensino e define currículo como "uma série estruturada de resultados de aprendizagem pretendidos".

Este não é o único autor que identifica currículo com um plano; outros o fazem, dando-lhe, porém, um conteúdo diferente. Esse plano prévio e prescritivo pode funcionar em termos de instrução, retomando a ideia antiga de currículo como curso de estudos, embora com uma diferente concepção de conhecimento, ou em termos de sistema tecnológico de produção. Pode também o currículo ser entendido como um conjunto de meios. De qualquer forma, definir currículo com incidência nos fins ou nos meios ou então centrado nos assuntos de estudo ou nas pessoas que os estudam, são formas parcelares e dualistas de encarar o currículo. Estas duas dimensões (meios/fins ou matérias/alunos) inspiraram a grande maioria das definições do currículo, como o atestam F. M. Connelly e O. Lautz (1985, pp. 1160-1161).

Esta divisão dualista, além de outros inconvenientes, dificulta a questão da especificação da noção de desenvolvimento curricular, bem como a perspectivação das relações deste com o currículo. Já em 1969, Schwab

apontava, como uma das causas do estado moribundo em que o currículo se encontrava, a falta de relação entre a teoria e a prática, çonsequência, no fundo, desta compartimentação.

Actualmente, existe uma forte tendência no sentido de ultrapassar este dualismo através de uma visão integrada das partes, que encontra eco em nomes importantes da especialidade, alguns dos quais revelam uma evolução em relação a anteriores posições, como são os casos de McDonald e Doll. Além destes, Eisner, Pinar, Huebner, Stenhouse são alguns dos nomes que ilustram esta tendência.

Seja como for, as distinções que aparecem correntemente de currículo oculto, oficial, real, formal, informal, etc. e os estudos que alguns destes conceitos têm merecido denotam ainda uma grande incerteza sobre o que é o currículo, o que deve conter, como ultrapassar as suas limitações. Com efeito, sabemos quantas situações de aprendizagem continuam a pertencer ao mundo do não planificado apesar de acontecerem no âmbito da escola e como muitas vezes estas acabam por ser as mais importantes para a vida e as mais significativas.